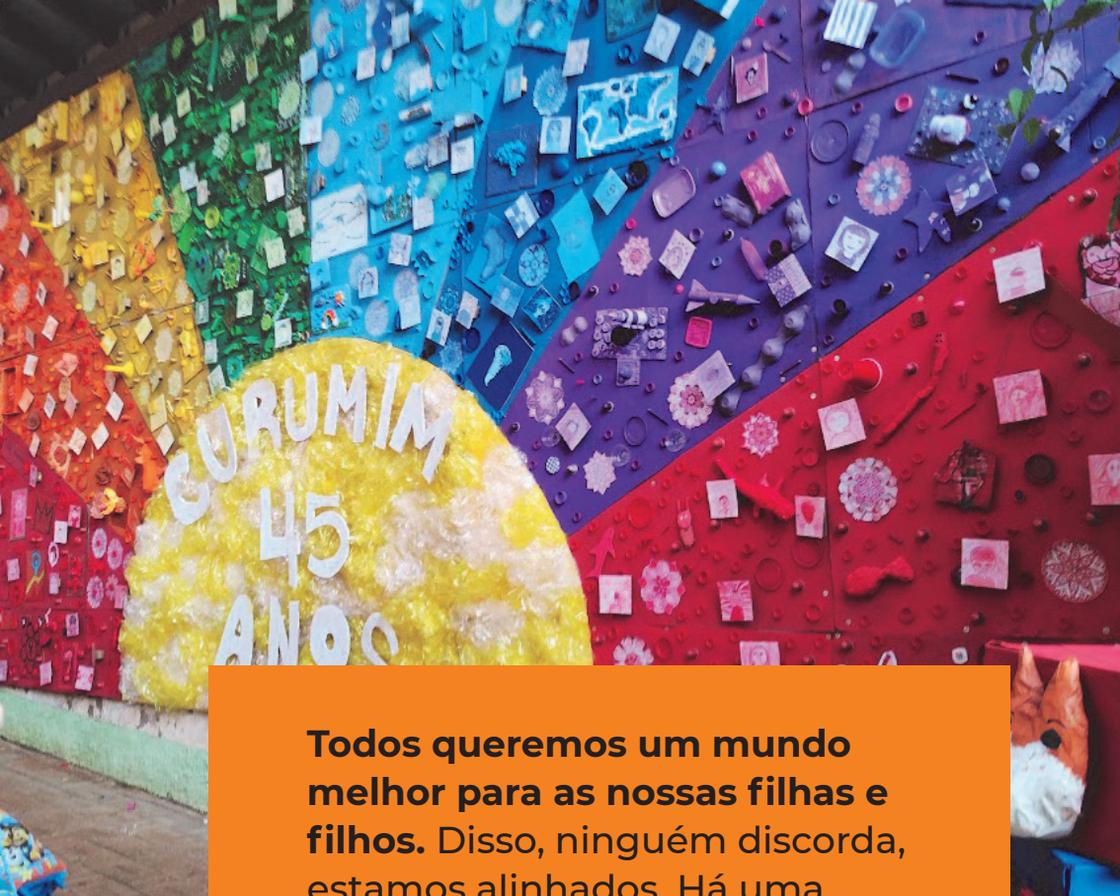


>DECLARAÇÃO

QUAL É O PAPEL
DA ESCOLA PARA UM
MUNDO MELHOR?







Todos queremos um mundo melhor para as nossas filhas e filhos. Disso, ninguém discorda, estamos alinhados. Há uma cumplicidade nesta operação, afinal, navegamos todos no mesmo barco. Mas, do que estamos falando ao dizer que queremos um mundo melhor? Qual caminho seguir? Qual é a parcela da solução que cabe a cada um? E como estabelecer a força da ação do coletivo? Qual é o papel dos pais e o dos filhos? Onde e como se encaixa a escola nesta história?



Não podemos nos esquecer, o que muitas vezes esquecemos, que o novo, de maneira inafiançável, pertence aos nossos filhos.

Nós, mães e pais, pensamos que, por termos experiência, podemos construir certezas e com elas facilitar a vida das futuras gerações. Somos responsáveis, pro bem ou pro mal, pelo mundo que está aí. Fomos nós que o construímos e, portanto, aptos pra tomar decisões mais pertinentes. Sim, em parte, é verdade.

Não podemos nos esquecer, o que muitas vezes esquecemos, que o novo, de maneira inafiançável, pertence aos nossos filhos. A tradição e o novo são produtos de experiências temporais distintas, portanto, ninguém é capaz de assumir a tarefa que é do outro. **Não há nada de absoluto nesta jornada, muito pelo contrário, a melhor alternativa sempre vem do trabalho conjunto.**

O coletivo é mais perspicaz, por tratar-se da soma dos diferentes olhares. **Sendo assim, não há novo se não houver tradição e não há tradição se não houver o novo. Elas não são categorias órfãs: tradição e novo se referenciam.**



Diante disso, não adianta tuchar as nossas certezas de pais na agenda dos filhos, como se com isso abreviássemos as respostas e a angústia que a tarefa deles lhes causa. Ledo engano. Certamente, os usos do conhecimento não serão os mesmos dados por nós, pois eles terão outras finalidades, a história movediça está sendo passada a limpo nas práticas do tempo vivido pela nossa sociedade.

Os usos do conhecimento não serão os mesmos dados por nós, pois eles terão outras finalidades, a história movediça está sendo passada a limpo nas práticas do tempo vivido pela nossa sociedade.



Matemática, português, física, química, línguas estrangeiras, artes, ok.... mas, como fazer uso do conhecimento historicamente produzido? Em qual contexto?

Como será para os nossos futuros engenheiros desenvolver um sistema de produção que considere o aquecimento global e os riscos de sobrevivência da civilização diante das mudanças climáticas?

Quais novas tecnologias desenvolver e fontes de energia adotar?

O modo de produção praticado está adaptado às exigências dos tempos atuais?

Que especialidades e técnicas os nossos futuros médicos devem considerar em sua formação, diante das doenças psíquicas e das patologias que se renovam a todo momento no modo de vida deste século XXI?

Quais leis os nossos juristas terão que construir e por elas lutar, para que o Direito contemple a inclusão

das diferenças de gênero, da diversidade das etnias, enfim, das regras de convivência para uma civilização de natureza plural?

Como as ciências econômicas serão usadas pelas futuras gerações para organizar as condições materiais para uma sociedade segura, pacífica e com justiça social?

A tarefa não é pouca. A sociedade é dinâmica e o trabalho exigido por ela se altera a todo momento. Em meio a toda efervescência e as incertezas que ela nos apresenta, há um lugar seguro para o desenvolvimento inicial das nossas crianças, e este lugar é o mundo privado da família. Neste reino privado da família, maternidade e paternidade são irrevogáveis e têm função estruturante na infância, particularmente no pleno exercício da potência do afeto. É por intermédio dele que acontece a incubação do indivíduo para que ele possa vir atuar no espaço público. E, aqui, se encaixa uma outra importante peça deste quebra-cabeças: a escola. A escola é onde acontece o encontro da criança com a vida pública.



A escola é onde acontece o encontro da criança com a vida pública.

Podemos afirmar ser o chão da escola o espaço da revelação: onde as trocas entre o privado e o público se estabelecem e a tradição tateia a concepção do novo na busca por alternativas. Um caldo cultural da mais preciosa fortuna: a infância e a adolescência.

Partindo dos princípios da educação progressista, as experiências da infância são a matéria prima da qual emerge o caráter de humanidade. Nesta tenra idade enraizam-se valores que podem nortear o sujeito social ao longo da vida, quando estimulados. É o caso do **espírito crítico**, responsável por desvelar as armadilhas do poder que o sistema insiste em esconder; a **autonomia**, articuladora da participação ativa na aquisição e produção do conhecimento e na tomada de atitudes diante da realidade social; e, por fim, não menos importante, a **solidariedade**.

Ela concede as habilidades sociais necessárias para as decisões coletivas, democráticas, plurais e inclusivas.



Como podemos verificar, estamos diante do compromisso com a real cidadania. **Espírito crítico, autonomia e solidariedade**, este é o tripé do qual a escola Curumim se ocupa para a formação de cada indivíduo.

A partir deste tripé, de acordo com as nossas convicções, a criança desenvolve a compreensão do lugar que ela quer ocupar no mundo e, à sua maneira, com o esforço do próprio trabalho, fazer dele um lugar pra ela e todos viverem melhor. Noutras palavras, tateamos todos os dias nas trocas com nossos alunos, com os pais e a comunidade, para sermos o território onde “a vida prepara-se pela vida”, como nos ensina Célèstin Freinet.

**“A vida prepara-se
pela vida”**

Célèstin Freinet.





**Desde 1978, no movimento da
educação progressista e inclusiva.**

www.escolacurumim.com.br/